

# Aqui não é lugar de mulher (?): mulheres nas guerras

Maria Carolina Loss Leite <sup>a</sup>

**Resumo:** A ideia desse artigo é refletir sobre a presença de oficiais<sup>1</sup> dentro das Forças Armadas no Brasil e além dele. Ao longo do tempo, profissionais mulheres marcaram a história mundial, onde lutaram bravamente por aquilo que acreditavam. Espírito de corpo e honra, conceitos caros no ramo militar, são características visíveis naquelas que sempre estiveram no chamado mundo militarizado, seja em combate, seja como voluntárias. Através de uma bibliografia pertinente, tentei analisar, brevemente e de forma sociológica, a existência de profissionais mulheres dentro das Forças e o que isso tende a nos mostrar quanto às características de um bom guerreiro.

**Palavras-chave:** Forças Armadas, mulheres na guerra, estudos de gênero.

## INTRODUÇÃO

Falar em guerras sempre foi sinônimo de heroísmo em torno do gênero masculino. Diversas batalhas e lutas ao redor do mundo trouxeram nomes de militares vencedores e vencidos, aguerridos ou covardes, nações mais ou menos potentes. Mas há uma única característica similar entre todos os eventos: a presença massiva de protagonistas homens. E acredito que isso não seja culpa do acaso.

Dentro dessa lógica, o uso de termos como “militarismo” e “militarização”<sup>2</sup> se sobressaem. O primeiro tem a ver com uma ideologia focada para resolver problemas através de crenças, valores e suposições que empregariam a força e a ameaça através do uso da violência. Já o segundo seria, então, a implementação de tal ideologia no sentido de armar, planejar, ameaçar e aplicar soluções baseadas em uma cultura, organização e operação militar. Ambos os termos estão

---

<sup>a</sup> Socióloga.



voltados para uma virilidade e masculinidade exacerbada em que a figura de uma mulher jamais poderia se enquadrar. Ao menos, de forma idealizada.

Pretendo, neste trabalho, abordar como conflitos bélicos são, ainda, vistos sob uma ótica masculina, onde mulheres não possuem lugar. Entretanto, através de uma bibliografia oportuna, mostrarei que elas estiveram sempre presente nesses ambientes. Desde os tempos de nossa Independência, por exemplo, nossas oficiais mostraram que são tão (ou mais) guerreiras que os soldados. Mas, infelizmente, a história não fez sua parte e a tentativa de apagamento de nossas heroínas predomina até hoje. Por isso, trazer os feitos realizados pelas oficiais - brasileiras, mas não apenas por elas - dentro de contextos de guerras é construir uma história real e verdadeira, não deixando apenas que parte dela seja contada: a que prioriza o guerreiro masculino.

## **AS HEROÍNAS DAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS: O INÍCIO**

Poucos sabem da existência de nossas Heroínas da Pátria: mulheres que lutaram para expulsar invasores de nossas terras desde os tempos mais remotos. Corpos femininos de diversas cores e etnias no intuito de proteger não apenas suas existências, mas seus ideais. E diversas delas estão perpetuadas em uma excelente iniciativa localizada no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves – uma obra de Oscar Niemeyer -, na Praça dos Três Poderes, em Brasília, desde 7 de setembro de 1989: o Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria. O monumento com páginas de aço gigantescas expõe nomes de personalidades merecedoras de destaque que fizeram história. Integrantes do Senado e da Câmara de Deputados aprovam, através de uma lei, os nomes para que recebam a honra de serem incluídos em tal Livro. Cada personagem nacional que lá está é tido como peça fundamental para o entendimento



da História do Brasil, incluindo a História Militar.

Talvez a primeira a realizar tais façanhas corajosas tenha sido a indígena, e também uma das Heroínas da Pátria, de etnia potiguara, Clara Camarão, ou Maria Clara. Nascida no Rio Grande do Norte, foi a responsável por expulsar os invasores holandeses em meados do século XVII, liderando uma tropa feminina. Em 1646, os holandeses tentaram invadir o povoado de Tejucupapo, em Pernambuco, mas foram recebidos por uma resistência de mulheres fortemente armada de arcos, tacapes e uma arma inteligente: água fervida com pimenta. Além de terem recebido um banho de água fervendo, o vapor, ao ser levado pelo vento, acabou irritando os olhos dos invasores, que acabaram debandando. Por conta desse feito, o exército de Clara Camarão foi convocado para a primeira Batalha de Guararapes, em 1648. Por conta disso, nossa guerreira recebeu o título de “Donna” de Filipe IV, oferecido para a alta nobreza e a notáveis chefes militares e a comenda de hábito de

Cristo, dada, até então, apenas a homens.

Outra Heroína da Pátria foi Maria Felipa de Oliveira. Sem a história nos dizer se foi uma escrava, se foi alforriada ou se já nasceu livre, a baiana nascida na Ilha de Itaparica também lutou pela Independência do Brasil. A marisqueira, capoeirista e líder das “vedetas da praia” se informava sobre a Guerra da Independência enquanto jogava capoeira e andava pela zona do porto. Seu grupo - armado com peixeiras e pedaços de paus com espinhos - chegou a queimar mais de 40 barcos portugueses com tochas feitas com a palha do coco. Além disso, as mulheres se utilizavam da sedução para atrair os portugueses que, após serem embebedados, eram despídos. E ao invés de receberem o que “esperavam”, levavam uma surra dessas guerreiras de cansação - uma planta que provocava uma sensação de queimação na pele -, expulsando, dessa forma, os invasores da Ilha. Pelas nossas tradicionais falhas históricas, ninguém sabe o que aconteceu com Maria após os conflitos. Seu



atestado de óbito foi encontrado, datando sua morte em 4 de julho de 1873, em Maragogipe.

A Heroína da Pátria, e cearense de Tauá, nascida em 8 de maio de 1848, Antônia Alves Feitosa, mais conhecida como Jovita Feitosa ou a “Joana D’Arc brasileira”, é tida como a primeira mulher a tentar se alistar em nossas Forças Armadas. Sua pretensão era lutar na Guerra do Paraguai após saber das atrocidades que por lá aconteciam, em especial com as mulheres brasileiras. Mas, em uma época em que mulheres sequer votavam (1865), não havia espaço para Jovita (ou qualquer outra mulher) nos campos de batalhas. Após ser ridicularizada pela ideia de que gostaria de se alistar, decidiu vestir-se de homem para tal façanha, haja vista que mulheres não poderiam participar de tais atividades.

Sem pestanejar, cortou sozinha suas madeixas e escondeu seus seios. O disfarce funcionou e Jovita foi aceita, sendo incorporada na seção do Exército Brasileiro denominada “Voluntários da Pátria”, que recebia homens dispostos a

lutar na Guerra do Paraguai. E como sabia atirar, sentiu-se à vontade na missão. Entretanto, uma mulher desconfiou daquele “soldado”, haja vista que percebeu as orelhas furadas; resolveu “apalpar o moço” e descobriu os seios escondidos. Jovita, então, foi encaminhada para uma delegacia, lamentando o fim de sua empreitada, na qual estava disposta a lutar por sua nação. Por conta disso, recebeu a patente de sargenta, que mais tarde lhe foi tirado através de uma carta recebida do Ministério da Guerra, já que mulheres não eram aceitas em combates, sendo convidada a trabalhar como enfermeira, negando tal posição e decidindo retornar ao Ceará.

Por ter forjado ser um soldado, seu pai, sentindo-se desonrado, não permitiu seu retorno para casa. A única opção foi viajar até o Rio de Janeiro para tentar uma nova vida, já que estava frustrada por não ter conseguido integrar nas Forças do Exército. Por não possuir nenhum dinheiro e morando em uma cidade estranha, acabou se prostituindo para poder sobreviver.



Acabou conhecendo um engenheiro do País de Gales que estava a trabalhar na cidade - William Noot -, já romantizando construir uma família juntos.

Infelizmente, em 9 de outubro de 1867, após receber uma carta de seu amado informando que estaria voltando à sua terra natal, a jovem, desiludida com sua existência, acabou cravando um punhal em seu peito dentro do escritório de William. Ao lado do corpo, deixou uma carta: “Não culpem a minha morte a pessoa alguma. Fui eu quem me matei. A causa só Deus sabe”. Jovita Alves está como homenageada no Livro dos Heróis e das Heroínas da Pátria e em 2019, um grande historiador<sup>3</sup> lançou um livro trazendo fatos e um pouco mais sobre esta heroína brasileira.

A baiana Maria Quitéria (ou Maria Quitéria de Jesus Medeiros), nascida em 27 de julho de 1792, conhecida como a “soldada Medeiros”, mesmo tendo guerreado sempre de forma profissional e exemplar, faleceu - em 21 de agosto de 1853 - praticamente cega e esquecida por todos. Apenas em 1953,

cem anos depois, algumas homenagens foram feitas: o Ministro da Guerra, à época, ordenou que todos os quartéis e unidades do Exército Brasileiro exibissem o quadro pintado em 1920 pelo italiano Domenico Failutti.

Em 1996, foi congratulada como a Patrona do Quadro Complementar de Oficiais (QCO) do Exército Brasileiro. Entretanto, isso não foi o suficiente para ter seu devido reconhecimento dentro da organização brasileira. Tardamente, foi reconhecida, também, como uma Heroína da Pátria, haja vista que Maria Quitéria foi uma combatente de guerra e não uma oficial de natureza complementar.

A baiana Anna Justina Ferreira Nery, ou simplesmente Ana Néri (ou Anna Nery), nascida em 13 de dezembro de 1814, ao saber que seus filhos deveriam ir lutar na Guerra do Paraguai, em 1865 decidiu que iria junto, de forma voluntária. Como era de família abastada, construiu com recursos próprios uma enfermaria-modelo em Assunção, no Paraguai, para cuidar dos soldados feridos, inclusive



perdendo um de seus filhos, o qual morreu lutando para defender o local.

Ao final da Guerra, D. Pedro II condecorou Anna por sua bravura e coragem. Vários poemas citavam Anna, a qual passou a ser chamada de “mãe dos brasileiros” e por conta de seus feitos na guerra frente aos feridos, acabou tornando-se a Patrona da Enfermagem brasileira. Faleceu em 20 de maio de 1880, por conta de uma pneumonia. Anna Nery foi a primeira mulher a ser homenageada no Livro dos Heróis e das Heroínas da Pátria.

Anita Maria de Jesus Ribeiro, também conhecida como Anita Garibaldi, nascida em 30 de agosto de 1821 em Laguna, Santa Catarina, parecia ter seu destino traçado desde seus 14 anos, quando casou-se com um sapateiro: ter filhos e cuidar da família e do lar, como sempre se espera de uma mulher. Porém, em 1839, com quase 18 anos, conheceu um homem que a fez largar tudo e seguir com ele em sua vida de batalhas: Giuseppe Garibaldi.

Lado a lado, em 1836, lutaram no Rio Grande do Sul com os farroupilhas (1835- 1845). Já em Curitiba, foi presa, conseguindo escapar e se reencontrar com Garibaldi. Meses após, já em Mostras, fugiu de uma tropa do Império com seu filho de 12 dias nos braços. Acreditando em ideais de justiça, ambos lutavam por este tipo de causa: no Uruguai, em 1841, brigavam contra a ofensiva argentina. Em 1848, na Itália, auxiliaram na reunificação do país.

Anita recebeu homenagens por lá, e por aqui também, com estátuas e sendo chamada de “a Heroína de Dois Mundos” e seu marido, o “Herói”. No Brasil, Anita faz parte do Livro dos Heróis e das Heroínas da Pátria. Morreu, muito jovem, em 4 de agosto de 1849, em Ravena, atualmente, Itália, e, mesmo grávida do seu quinto filho, lutou contra a invasão de Roma pelos austríacos.

Em Laguna, sua cidade-natal, há uma estátua em sua homenagem, bem como o Museu Casa de Anita, que conta sobre sua vida. Lá também existe um grupo de mulhe-



res responsáveis por divulgar a vida e as façanhas desta guerreira: as “Guardiãs de Anita”. Às vésperas de seu bicentenário, o comércio local homenageou a heroína com manequins expostos em vitrines vestidos com trajes usados por ela. Também em sua homenagem, o híbrido de uma rosa - símbolo das comemorações criado pelo botânico italiano Giulio Pantoli - foi inspirado na figura de Anita Garibaldi.

Na Itália, os direitos de reprodução da rosa são do Museu Renzi, o qual franqueou a autorização para que o espaço CulturAnita - local que preserva suas histórias - pudesse clonar e distribuir o híbrido no Brasil e na América do Sul. Os brotos da planta foram trazidos ao final de 2018 para o Brasil para se adaptarem à realidade climática do país, feito pelo botânico Leonardo Borges, de Laguna. Em agosto de 2020, iniciaram-se os plantios das primeiras rosas geradas em Imbituba, Laguna e Tubarão, cidades do sul do Brasil.

## **GUERRA: SUBSTANTIVO FEMININO, SIGNIFICADO MASCULINO**

Quando pensamos em ambientes em conflito, imaginamos sempre a dor, o sofrimento e o medo da morte rondando a todos e todas. Mas, tais emoções são, sempre, pensadas através do viés masculinizante, onde não cabe aos homens demonstrá-las, mas, apenas senti-las para que gerem mais coragem e força, dentro de um espírito guerreiro. E falar em guerras é falar de situações de desumanização de um grupo perante outros, sendo um local muito cruel. Mas, sua crueldade é ainda maior com as mulheres que por ela passam, seja trabalhando como uma combatente, seja como vítimas diretas, sendo este o motivo de não se perguntar para elas sobre tais acontecimentos sob o risco de sabermos a real dimensão de um combate. As guerras podem ganhar diferentes formas quando contadas pelas mulheres sob seus prismas, seja no Haiti, Afeganistão, Ucrânia, Partição da Índia, seja nas favelas e periferias



brasileiras, por aquelas que perdem seus entes na incompreendida “guerra às drogas” diariamente.

Através de relatos de a participação de mulheres soviéticas na Segunda Guerra Mundial e de narrativas das sobreviventes que estiveram no *front*, a ideia de igualar, literalmente, as profissionais femininas aos masculinos apareceram ao longo das falas das oficiais russas, bem como o apagamento frente aos seus gêneros: Vera Vladimirova Chevaldicheva disse que em um dada situação, para comemorar, colocou seus brincos e se apresentou no seu turno, sendo repreendida com a frase “[...] Tire esses brincos imediatamente! Que soldado é esse?<sup>4</sup>”.

Já, em outro momento, a oficiala Yekaterina Budanova foi descrita por um piloto como sendo “[...] alta, mantinha o cabelo cortado [...] e em seu macacão de voo quase não se destacava dos companheiros<sup>5</sup>”.

Em outro relato, Taíssia Pietróvna Rudenko-Cheveliona, a primeira mulher a ocupar um posto de oficiala de carreira na Marinha

de Guerra soviética foi noticiada na imprensa inglesa como uma “criatura incompreensível - nem homem nem mulher”, alegando que ela, uma “*lady* com adaga<sup>6</sup>” não se casaria com ninguém. Mas, a oficiala da reserva não apenas casou-se como acumulou as funções de mãe e avó.

Os estudos sobre a participação russa na Segunda Guerra em batalhões formados por mulheres, incluindo as “Bruxas da Noite<sup>7</sup>” (*nachthexen*, em alemão) - nome dado pelos nazistas por eles associarem seus voos rasantes noturnos a bruxas em suas vassouras voadoras -, demonstraram que a perseguição aos corpos femininos era constante, não apenas pelos opositores, mas pelos próprios parceiros de profissão. Dúvidas sobre seu profissionalismo eram frequentes em relação às oficiais, que literalmente deram suas vidas por sua pátria. Trocas inexplicadas de comando, com a justificativa de que havia intrigas entre a chefe e suas oficiais, se parecem mais com uma forma de apagamento de gênero baseada em uma rivalidade feminina que pro-



priamente uma preocupação com a liderança em si, justamente porque tais mudanças eram sempre a favor de um oficial e não de outra mulher militar.

Constatou-se ser inegável que a participação das oficiais não apenas surpreendeu como demonstrou a força e a coragem de jovens combatentes, onde o espírito de corpo e a honra falavam mais alto, mesmo nas condições mais adversas, tanto da guerra quanto do clima. A fala do major Valentin V. Markov, nomeado para ocupar o cargo de Marina Raskova, tida como a lenda da aviação soviética, morta sem ter ido a combate em um trágico acidente de avião, nos leva a enxergar o quão profissional são as mulheres militares, principalmente em guerras. Em suas palavras, que antes se dizia contra a ocupação feminina do meio militar, o major mudou de opinião após ter tido a responsabilidade de comandar as “mulheres de Raskova” (vale lembrar que o oficial se casou com Galina Dzhunkovskaya, uma das Heroínas da União Soviética, após o fim da guerra):

É difícil imaginar quão difíceis as condições eram para essas mulheres. Quase todas foram derrubadas e, após a hospitalização, voltavam e voavam bravamente. As mulheres do meu regimento eram muito disciplinadas, cuidadas e obedientes às ordens [...]. Eles nunca se queixaram e foram muito corajosos. Se eu comparar minha experiência de comandar regimentos masculino e feminino, era mais fácil comandar as mulheres, que tinham o forte espírito de corpo de uma unidade aérea.<sup>8</sup>

O *ethos* militar traz consigo a masculinidade hegemônica, onde a bravura, a coragem e a agressão de um mundo masculinizado se opõem ao suposto mundo do pacífico e do frágil, tidos como do ambiente feminino. O mito das amazonas pode nos demonstrar essa oposição: essas guerreiras chegavam a decepar um seio para poderem usar o arco de forma melhorada, controlavam a sua reprodução e não se casavam, sendo vistas como o oposto do arquétipo das gregas. Por conta disso, eram tidas como



párias da sociedade, vivendo nas fronteiras, ficando suas imagens sempre associadas com as de mulheres não femininas. E, por conta disso, podiam ser tidas como legítimas guerreiras.

Em vários depoimentos de oficiais soviéticas, apareceram relatos alegando que o Exército soviético não estava preparado para receber as mulheres combatentes, haja vista que os uniformes e os calçados eram os mesmos dados aos oficiais (geralmente dois ou três números maiores dos números que elas vestiam), bem como sequer foram disponibilizados apetrechos do mundo feminino - como absorventes, calcinhas e outros. Uma das oficiais, Lydiá Litvyak<sup>9</sup>, só pode ter seu corpo reconhecido anos após sua morte - em 1979 - por conta de estar usando uma *lingerie* feita com a seda de um paraquedas russo.

Em relação a serem reconhecidas por sua bravura e profissionalismo pelo governo soviético, tais estudos apresentaram que algumas militares foram presenteadas pelo Rei George VI da Inglaterra com

relógios de ouro e dedicatórias do próprio rei, mas sequer foram lembradas pelo governo de seu país. Ainda, em diversas passagens, ficou demonstrado que as mulheres respeitavam seus colegas de trabalho, dentro de um profissionalismo esperado, o que na grande maioria das vezes, isso não ocorria do lado masculino. E apesar de terem lutado bravamente e atendido aos requisitos de um mundo militarizado - como honra, respeito e espírito de corpo -, a grande maioria delas não foi tida como uma Heroína da União Soviética, uma grande condecoração nacional.

Ao falar de gênero no ramo militarizado, pesquisas já mostraram que as profissionais militares em missão de paz ainda são vistas como pessoas a serem protegidas ao invés de profissionais em locais de conflito. Durante a missão no Haiti, entre os anos de 2004 e 2014 - a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) -, percebeu-se que as construções simbólicas produzidas sobre homens e mulheres transformam o homem em referência, pos-



suidor da cultura e da identidade militar, enquanto a mulher seria a representante da natureza, do cuidado e da diferença, havendo, portanto, uma hierarquização de valores permeada por relações de poder, inseridas historicamente no contexto social.

Ao longo desses estudos, um dos oficiais entrevistados da Escola de Formação de Complementar do Exército (EsFCEX) alegou que uma mulher, ao ingressar nas Forças Armadas, perderia o seu “verniz”. Em outra situação, uma cadete da Força Aérea Brasileira alegou que, para se sentir inserida entre os seus colegas homens, permitia que lhe dissessem que não era mais uma mulher e que não tinha mais feminilidade. Ou seja, a fim de atingir a sua aceitação no grupo, a cadete “apagou” o seu gênero para poder ser tida como uma “igual”.

Fotos apresentando as militares brasileiras na MINUSTAH atendendo crianças como médicas ou dentistas, sempre sorridentes e bem apresentadas (cabelos presos, batons e brincos discretos), representavam uma realidade ideal, mas

nunca aquela em situações de conflito armado ou simplesmente em meio à população, agindo de forma natural e com a sua aparência cotidiana. As oficialas, ainda, precisavam provar que eram capazes de realizar as tarefas que lhes eram dadas com as mesmas desenvolturas de um oficial masculino. Uma tenente afirmou que elas eram mais cobradas e colocadas mais à prova que seus colegas do sexo oposto.

Podemos perceber que há a aplicação do *script* sexuado de carreira também dentro do ramo militarizado, onde a ascensão profissional feminina demora mais que a de seus colegas homens. Muitas vezes, as oficialas são levadas a abandonar os seus sonhos pessoais - como maternidade ou estudos - em prol de uma oportunidade na carreira. Percebe-se que as profissionais devem sempre mostrar sua disponibilidade de tempo para comprovar sua competência, diferentemente de seus colegas masculinos. Logo, o *script* sexuado de carreira age como uma barreira para a progressão feminina também no referido ramo, bem como a falta



de credencial para as oficiais também atua como tal, no que diz respeito ao trabalho realizado por mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, trouxe um pouco sobre a participação de mulheres em ambientes de guerras em seus países. Brasileiras ou não, encararam com bravura, coragem e profissionalismo os momentos em que as emoções estavam afloradas, sob todos os aspectos: medo, raiva, paixão, amor. E o espírito de corpo de todas elas, mesmo sendo questionadas o tempo todo sobre suas atividades, demonstrou que as mulheres militares são tão boas, ou até melhores, que seus colegas masculinos quando o assunto é combater e defender seus ideais.

Um bom exemplo de preservação da história de uma de nossas guerreiras está sendo feito através de um grupo formado por mulheres de Laguna, no sul do Brasil: o “Guardiãs de Anita”. De forma voluntária, e ligadas ao espaço CulturAnita, o grupo teve a inicia-

tiva de incluir no contexto escolar local a história e feitos desta guerreira. Através do projeto “Boneca Anitinha nas Escolas”, a história está sendo apresentada aos jovens meninos e meninas que, após conhecerem um pouco da trajetória de uma de nossas heroínas, esperam que seus professores e professoras continuem explorando sua trajetória.

Além disso, as “Guardiãs” também fazem correções na história de vida de Anita, para que todos saibam, de forma mais fidedigna, sobre suas realizações e atos de bravura.

Assim como Anita, Marina Raskova e algumas outras oficiais soviéticas foram agraciadas com homenagens: o corpo da própria Marina foi sepultado nas muralhas do Kremlin, na Praça Vermelha, além de ruas e praças de Moscou e Kazan terem recebido seus nomes a fim de homenageá-las. Entretanto, não vemos este tipo de ação sendo tomada para outras de nossas heroínas históricas. A história de Jovita Alves, pioneira na entrada - mesmo que de forma clandestina -



nas Forças Armadas brasileiras, deveria fazer parte desde a mais tenra idade de nossas crianças. E outros nomes como Clara Camarão, Anna Nery, Maria Quitéria e tantas outras que fizeram de seus atos de coragem uma razão de viver.

Importante ressaltar que, mesmo sendo tardiamente, todas as mulheres brasileiras aqui citadas foram homenageadas no “Livro dos Heróis e das Heroínas da Pátria”, sendo Anna Néri a primeira delas. Assim, suas histórias ficarão perpetuadas para aqueles que tiverem interesse em conhecê-las.

As mulheres, desde sempre, fizeram parte das Forças, em especial no Brasil, de forma voluntária. Sempre combateram e respeitaram os princípios de ordem e disciplina. Enquanto homens fogem dos alistamentos, nossas brasileiras abrem mão de sua vaidade e de suas famílias para honrar a sua pátria. Honra, disciplina e espírito de corpo, categorias caras ao ramo militar, são vistas em combatentes femininas desde antes de sermos Brasil.

A contribuição feminina no meio militar se dá de outras formas, mas também no sentido de trazer disciplina, aprendizado - e porque não - heroísmo: em 1990, a professora de *ballet* Mercedes Ferrero, juntamente com a Capelania Militar do Exército Brasileiro, iniciava uma atividade filantrópica, levando o conhecimento sobre a religião católica e aulas de *ballet* para as meninas e meninos da região da Ilha de Bom Jesus da Coluna, localizada no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro.

Assim, nascia o *Ballet Brasil*. Há mais de trinta anos, o projeto, que também oferece reforço escolar aos pequenos e pequenas sohnadoras, permite que jovens da mais tenra idade até a fase adulta possam passar um pouco mais longe de suas realidades violentas e mortais. Levado por três voluntárias atualmente - as professoras Wanda e Maria Cristina, juntamente com a professora de *ballet*, Mercedes -, o projeto conta, ainda, com o apoio de ex-alunas, hoje atuantes como professoras (Luana e Elaine), além do professor Luan.



Historicamente, somos levados a pensar que, ao se falar de ambientes em conflito, onde as emoções estão afloradas, pensamos, apenas, nas emoções vividas e apresentadas pelas mulheres sejam elas ex-combatentes ou vítimas, apagando que os homens que lá se encontram também são seres humanizados, que sentem e sofrem as mais diversas sensações humanas, justamente por estarem - homem ou mulher - em locais desumanizados por conta de tal situação.

E esse é o grande perigo de uma história ser contada apenas por um dos lados, seja ele o vencido ou o vencedor, mas sempre por homens, pois o risco de apagarmos grandes feitos realizados por mulheres guerreiras, e heroínas de suas próprias trajetórias, é enorme, com chances de, talvez, nunca mais recuperar lembrança alguma.

Por fim, a ideia de usar uma bibliografia com autoras e pesquisadoras serviu para mostrar que há mulheres que escrevem sobre guerras e militarismo de forma séria e comprometida com os fatos e com

a história. Através de uma breve análise sociológica foi apresentado, aqui, que a profissional militar, mesmo tendo sempre que se mostrar mais disponível e tendo que provar seu profissionalismo - diferentemente de seus colegas homens - a fim de evitar que dúvidas pairarem sobre seu trabalho, é, acima de tudo, competente, honrada e disciplinada, adaptando-se, na grande maioria das vezes, a uma realidade masculina ao longo de vários anos. Profissionais que não fogem de suas lutas. Jamais.

## **BIBLIOGRAFIA**

ADICHIE, Chimamanda N. *Sejam todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BERGO, Maria Cristina L.; SANTOS Luana. De Ballet Brasil na Ilha de Bom Jesus para Projeto Social Ballet Brasil da Ilha de Bom Jesus - um pouco desta história! In: FERREIRA, Maristela da S.; SOUZA, Ana Beatriz R. FERREI-



RA; SOBRINHO, Antônio (Orgs.) *Preservação da memória do Asilo dos Inválidos da Pátria e do sítio histórico da Ilha de Bom Jesus: um tributo aos heróis e mártires do Brasil*. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2020, p. 284-332.

CARVALHO, José Murilo. *Jovita Alves Feitosa: Voluntária da pátria, voluntária da morte*. São Paulo: Chão Editora, 2019.

CLARA Camarão, a primeira heroína indígena do Brasil. 14 abr. 2021, Câmara dos Deputados. Disponível em <<https://plenarinho.leg.br/index.php/2021/04/primeira-heroina-indigena-brasil>>. Acesso em: 07 mar. 2022.

DARÓZ, Carlos; DARÓZ, Ana. *Bruxas da Noite: as aviadoras soviéticas na Segunda Guerra Mundial*. São José dos Campos: Somos Editora, 2018.

EM GAROPABA, Rosa de Anita será plantada segunda-feira, com presença da bisneta de Anita. 15 fev. 2020, *CulturAnita – Instituto Cultural Anita Garibaldi*. Disponível em <<https://institutoculturanita.webnode.com/news/em-garopaba-rosa-de-anita-sera-plantada-segunda->

[feira-com-presenca-da-bisneta-de-anita/>](#). Acesso em: 7 mar. 2022.

FUTURO preservado com as Guardiãs de Anita. 29 jul. 2021. *Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina*. Disponível em <<http://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/especiais/reportagens/futuro-preservado-com-as-guardiaes-de-anita#:~:text=O%20grupo%20C3%A9%20formado%20por,%E2%80%9CBoneca%20Aninha%20nas%20Escolas%E2%80%9D>>. Acesso em: 7 mar. 2022.

KRASKA, Peter B. Militarization and Policing – Its Relevance 21st Century Police. *Policing Advance Access*. p. 1-13. 13 dez. 2007. Disponível em: <<https://cjmasters.eku.edu/sites/cjmasters.eku.edu/files/21stmilitarization.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2021.

LEITE, Maria Carolina Loss. *Profissionalismo e diferença de gênero na Defensoria Pública do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, IESP - UERJ, Rio de Janeiro, 2020.

LEITE, Maria Carolina Loss. Dia de uma voluntária da pátria. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 7 mar.



2022. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/03/dia-de-uma-voluntaria-da-patria.shtml>>. Acesso em: 8 mar. 2022.

70 MULHERES que mudaram o mundo. In: *Dossiê Super Interessante*. Revista Super Interessante, edição 408-A, outubro 2019.

SOUZA, Duda P. S; CARARO, Aryane. Maria Felipa de Oliveira. In: *Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil*. São Paulo: Seguinte, 2017.

SOUZA, Duda P. S; CARARO, Aryane. Maria Quitéria. In: *Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil*. São Paulo: Seguinte, 2017.

SOUZA, Duda P. S; CARARO, Aryane. Ana Néri. In: *Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil*. São Paulo: Seguinte, 2017.

TARDIN, Elaine B. S. *Guerreiras da paz? A incorporação da mulher no Exército brasileiro e sua atuação na MINUSTAH (2004-2014)*. Tese de Doutorado em Sociologia Política, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Estadual do Norte Fluminense

Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2016.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

---

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho, irei me referir às patentes de forma flexionada, justamente para marcar o gênero: oficiais, generalas, soldadas e assim por diante.

<sup>2</sup> KRASKA, Peter B. Militarization and Policing – Its Relevance 21st Century Police. *Policing Advance Access*. p. 1-13. 13 dez. 2007. Disponível em: <<https://cjmasters.eku.edu/sites/cjmasters.eku.edu/files/21stmilitarization.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2021.

<sup>3</sup> CARVALHO, José Murilo. *Jovita Alves Feitosa: Voluntária da pátria, voluntária da morte*. São Paulo: Chão Editora, 2019.

<sup>4</sup> ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 238.

<sup>5</sup> DARÓZ, Carlos; DARÓZ, Ana. *Bruxas da Noite: as aviadoras soviéticas na Segunda Guerra Mundial*. São José dos Campos: Somos Editora, 2018, p. 89.

<sup>6</sup> ALEKSIÉVITCH, op.cit., p. 255.

<sup>7</sup> DARÓZ; DARÓZ, op. cit., p.122.

<sup>8</sup> Ibid., p. 119.

<sup>9</sup> Ibid., p. 94.